

ANTÔNIO TOMÁS, PADRE

Padre Antônio Tomás nasceu em 14 de setembro de 1868, na cidade de Acaraú, Ceará, e faleceu em Fortaleza, no dia 16 de julho de 1941, aos 73 anos de idade. Estudou no Seminário de Fortaleza, tendo sido ordenado padre em 6 de dezembro de 1891. Exerceu o ministério sacerdotal no interior do estado, nas cidades de Trairi e Acaraú.

Poeta dotado de grande talento, é conhecido nacionalmente em decorrência da publicação de seus sonetos em numerosas antologias. Sua intensa produção poética, entretanto, nunca foi publicada em livros, pois deixou em testamento a proibição de que o fizessem. Em 1924, após um concurso promovido pela revista *Ceará Ilustrado*, de Demócrito Rocha, foi escolhido Príncipe dos Poetas Cearenses.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 8 de setembro de 1922 por ocasião da primeira reorganização do sodalício. Ocupou a cadeira número 40, cujo patrono era Luís de Miranda. Seu nome foi esquecido na segunda reorganização da academia, fazendo parte do grupo de acadêmicos “injustiçados”.

O PALHAÇO

*Ontem, viu-se-lhe em casa a esposa morta
E a filhinha mais nova tão doente!
Hoje o empresário vem bater-lhe à porta,
Que a platéia o reclama impaciente...*

*No palco em breve surge... Pouco importa
O seu pesar àquela estranha gente...
E ao som das ovações que os ares corta
Trejeita e canta e ri nervosamente.*

*Aos aplausos da turba ele trabalha,
Para esconder no manto em que se embuça
A cruciante angústia que o retalha.*

*No entanto, a dor cruel mais se lhe aguça,
E, enquanto o lábio, trêmulo, gargalha,
Dentro do peito o coração soluça.*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. PADRE ANTÔNIO TOMAZ: (CAPÍTULO INÉDITO DA HISTÓRIA DA LITERATURA). *REV. ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, FORTALEZA, v.63, n.28, p. 79-136, 1959.*

CONTRASTE

*Quando partimos no verdor dos anos,
Da vida pela estrada florescente,
As esperanças vão conosco à frente,
E vão ficando atrás os desenganos.*

*Rindo e cantando, céleres e ufanos,
Vamos marchando descuidosamente...
Eis que chega a velhice de repente,
Desfazendo ilusões, matando enganos.*

*Então nós enxergamos claramente
Como a existência é rápida e falaz,
E vemos que sucede exatamente*

*O contrário dos tempos de rapaz:
- Os desenganos vão conosco à frente,
E as esperanças vão ficando atrás.*

NO ENTERRO DE UM ANJINHO

*Ei-lo que segue ornado de mil flores
De manto azul e túnica de neve,
A sorrir... a sorrir, porque tão breve
Fugiu da vida sem provar-lhe as dores.*

*Vão-no levando à cova... Os portadores
Do branco esquife pequenino e leve,
São crianças também que não se deve
Deixar um anjo em mãos de pecadores.*

*Do funéreo cortejo me avizinho,
E das crianças vou seguindo os passos,
A cismar... a cismar pelo caminho.*

*E no caixão pendente de seus braços
Julgo estar vendo, não o louro anjinho,
Mas uma alma de mãe feita em pedaços.*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. *HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE*. FORTALEZA: INSTITUTO DO
CEARÁ, 1951, T. 2, P. 424, P. 125-126. (COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ, MONOGRAFIA N. 18).